



Teste português 11 ano com correção

Português (Ensino Médio - Portugal)

TESTES Português 11º ano com correção

IA

Lê o texto que se segue e responde às questões com frases completas:

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

Suposto, pois, que ou o sal não salgue ou a terra se não deixe salgar; que se há-de fazer a este sal e que se há-de fazer a esta terra? O que se há-de fazer ao sal que não salga, Cristo o disse logo: *Quod si sal evanuerit, in quo salietur? Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras et conculcetur ab hominibus*. «Se o sal perder a substância e a virtude, e o pregador faltar à doutrina e ao exemplo, o que se lhe há-de fazer, é lançá-lo fora como inútil para que seja pisado de todos.» Quem se atrevera a dizer tal coisa, se o mesmo Cristo a não pronunciara? Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça que o pregador que ensina e faz o que deve, assim é merecedor de todo o desprezo e de ser metido debaixo dos pés, o que com a palavra ou com a vida prega o contrário.

Isto é o que se deve fazer ao sal que não salga. E à terra que se não deixa salgar, que se lhe há-de fazer? Este ponto não resolveu Cristo, Senhor nosso, no Evangelho; mas temos sobre ele a resolução do nosso grande português Santo António, que hoje celebramos, e a mais galharda e gloriosa resolução que nenhum santo tomou.

Pregava Santo António em Itália na cidade de Arimino, contra os hereges, que nela eram muitos; e como erros de entendimento são dificultosos de arrancar, não só não fazia fruto o santo, mas chegou o povo a se levantar contra ele e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida. Que faria neste caso o ânimo generoso do grande António? Sacudiria o pó dos sapatos, como Cristo aconselha em outro lugar? Mas António com os pés descalços não podia fazer esta protestação; e uns pés a que se não pegou nada da terra não tinham que sacudir. Que faria logo? Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo? Isso ensinaria porventura a prudência ou a covardia humana; mas o zelo da glória divina, que ardia naquele peito, não se rendeu a semelhantes partidos. Pois que fez? Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes. Oh maravilhas do Altíssimo! Oh poderes do que criou o mar e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos, e postos todos por sua ordem com as cabeças de fora da água, António pregava e eles ouviam.

Se a Igreja quer que preguemos de Santo António sobre o Evangelho, dê-nos outro. *Vos estis sal terrae*: É muito bom texto para os outros santos doutores; mas para Santo António vem-lhe muito curto. Os outros santos doutores da Igreja foram sal da terra; Santo António foi sal da terra e foi sal do mar. Este é o assunto que eu tinha para tomar hoje. Mas há muitos dias que tenho metido no pensamento que, nas festas dos santos, é melhor pregar como eles, que pregar deles. Quanto mais que o são da minha doutrina, qualquer que ele seja tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida à de Santo António em Arimino, que é força segui-la em tudo. Muitas vezes vos tenho pregado nesta igreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra para emenda e reforma dos vícios que a corrompem. O fruto que tenho colhido desta doutrina, e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado dele, vós o sabeis e eu por vós o sinto.

Isto suposto, quero hoje, à imitação de Santo António, voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles. Maria, quer dizer, *Domina maris*: «Senhora do mar»; e posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. *Ave Maria*.

1. Atenta no conceito predicável deste sermão: “*Vós sois o sal da terra*”.
 - 1.1. A quem se refere o pronome “Vós”?
 - 1.2. Interpreta a frase.
2. Explica por que razão o orador inicia o seu discurso citando Cristo.
3. A terra está tão corrupta que a culpa pode ser da responsabilidade quer dos pregadores, quer dos ouvintes.
 - 3.1. Explicita a responsabilidade de uns e de outros.
4. Refere em que medida o Padre António Vieira se identifica com Santo António.
5. Transcreve do texto o excerto que mostra o objetivo do orador ao escrever este sermão.
6. Justifica a invocação que o autor faz à Virgem Maria.

IB

Num texto, entre 80 e 120 palavras, refere em que medida as ideias do Padre António Vieira poderão ser consideradas intemporais e sempre atuais, dando, pelo menos, um exemplo concreto.

II

1. Lê o texto que se segue com atenção e assinala as alíneas corretas para cada item:

Com toda a sua vaidade e com toda a sua ambição, Vieira sabia-se portador de uma mensagem importante para os seus compatriotas, mensagem que, desligada do seu precário contexto histórico, ainda hoje continua importante. Intrépido, tomava a defesa de grupos indefesos do império Português do século XVII: os cristãos-novos em Portugal e os ameríndios no Brasil. Aberto e “ecuménico”, concedia um lugar próprio a todas as raças e todas as culturas no seu Quinto Império, que seria um mundo pacífico e unificado, mas não monótono ou uniformizado. Acreditamos — talvez piamente, mas muito sinceramente — que, se Vieira tivesse vivido durante algum tempo em terra islamita, onde reina “a nefanda seita de Mafona”, também lá teria encontrado coisas respeitáveis e teria excogitado meios apropriados para converter os muçulmanos com o mínimo possível de sacrifícios culturais.

José Van Den Besselaar, *António Vieira: O Homem, a Obra, as Ideias*

- 1.1. A mensagem de Vieira que “*ainda hoje continua importante*” (II. 3) centra-se na ideia de que
 - a) Portugal voltará a formar um grande império.
 - b) todos os povos devem viver em harmonia e em comunhão.
 - c) a mensagem cristã ainda é importante nos nossos dias.
 - d) os tempos se repetem.
- 1.2. A palavra “*intrépido*” (I. 3) significa
 - a) temeroso.
 - b) insensível.
 - c) destemido.
 - d) simpático.

1.3. Vieira foi um “profeta” bem-sucedido, no sentido bíblico do termo, na medida em que

- a) tinha visões e compreendia as vontades de Deus.
- b) revelou um ideal e apontou um caminho para o seu povo.
- c) pregava ao povo, mas este não o ouvia.
- d) previu o futuro.

1.4. A “*nefanda seita de Mafona*” (l. 8) é uma referência

- a) à religião cristã.
- b) a uma seita religiosa que adora o pão.
- c) a uma seita da localidade portuguesa de Mafômedes.
- d) à religião muçulmana.

1.5. A palavra “*importante*” (l. 3) desempenha a função sintática de

- a) predicativo do sujeito.
- b) complemento direto.
- c) complemento agente da passiva.
- d) complemento oblíquo.

1.6. A oração “*se Vieira tivesse vivido durante algum tempo em terra islamita*” (ll. 7-8) é uma oração

- a) adjetiva relativa restritiva.
- b) coordenada explicativa.
- c) subordinada adverbial condicional.
- d) subordinada adverbial causal.

2. Liga os elementos da coluna A a um elemento da coluna B:

COLUNA A	COLUNA B
1. A palavra “ <i>hoje</i> ” (l. 3) trata-se	a. o enunciador especifica a sua posição sobre o assunto que vai expor.
2. Após os dois pontos, na linha 4,	b. de um advérbio de predicado que funciona como um deíctico espacial.
3. Com a utilização da conjunção “ <i>mas</i> ” (l. 6)	c. o enunciador concretiza com exemplos a ideia exposta anteriormente.
4. Com a informação, entre travessões, na linha 7,	d. de um advérbio de predicado que funciona como um deíctico temporal.
5. Com a oração iniciada por “ <i>se Vieira tivesse vivido</i> ” (l.7)	e. de um advérbio de tempo e um deíctico temporal.
	f. o enunciador exprime oposição em relação à ideia apresentada anteriormente.
	g. o enunciador formula uma situação hipotética.

3. Indica os processos fonológicos presentes na variação histórica das seguintes palavras:

3.1. *lana* > *lãa* > *lã*

3.2. *area* > *areia*

III

SELECIONA UMA HIPÓTESE:

A) Num texto bem estruturado, entre 180 e 240 palavras, imagina que te dirigias a todos os portugueses, pela televisão, e que querias dar dois importantes conselhos, bem fundamentados, que fariam de Portugal um país melhor.

B) Num texto bem estruturado, entre 180 e 240 palavras, redige um discurso a proferir na ONU subordinado ao tema “As alterações climáticas e os seus efeitos nefastos para as gerações futuras”.

Conteúdo = C Organização e Correção Linguística = O

Proposta de Correção:

IA (questões e respostas retiradas, em parte, do manual *Português 11º ano*(Santillana)- com adaptações:

1.1. O pronome “Vós” refere-se aos pregadores.

1.2. Uma vez que os pregadores são considerados “o sal da Terra” e o sal evita a corrupção, isto é, a degradação espiritual, aos pregadores caberá a função de impedir a degradação moral dos fiéis que os escutam.

2. O orador cita Cristo para conferir autoridade ao seu sermão, uma vez que as suas palavras sempre serão sinónimo de verdade absoluta.

3.1. Segundo o orador, tanto os pregadores como os ouvintes poderão ter responsabilidade no facto de a Terra estar corrupta e enumera as várias hipóteses, a saber: ou os pregadores não pregam a verdadeira doutrina, praticam ações distintas das palavras que proferem ou pregam-se a si próprios e não a Cristo, isto é, defendem os seus interesses pessoais e não a doutrina de Jesus; ou, por outro lado, os ouvintes não estão recetivos às pregações, ou preferem seguir as ações dos pregadores em vez das suas palavras ou, por último, preferem servir os seus caprichos e não a Cristo.

4. O orador identifica-se com o referido Santo pois, tal como este não foi ouvido pelos hereges em Arimino, na Itália, também ele sente que as suas palavras são ignoradas pelos fiéis que o escutam.

5. “para emenda e reforma dos vícios que a corrompem” (l. 48).

6. Padre António Vieira pede à Virgem Maria a graça de o ajudar a proferir um bom sermão. Sendo este dirigido aos peixes, o orador vê a ajuda divina como mais relevante ainda.

IB- resposta aberta

II- questões 1 e 2 retiradas do manual Português 11º, Santillana Constância (com adaptações)

1.1. b ; 1.2. c; 1.3. b; 1.4. d; 1.5. a; 1.6. c

2.

1-d; 2-c;3-f; 4-a; 5-g

3.1. síncope do “n”; nasalização do “a” e crase do “ãa”;

3.2. Ditongação do “e”.

III- Resposta aberta

TESTE2

Outra cousa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima em muitos de vós é aquela tão notável ignorância e cegueira que em todas as viagens experimentam os que navegam para estas partes. Toma um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de pano cortado e aberto em duas ou três pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na água, e em o vendo o peixe, arremete cego a ele e fica preso e boqueando, até que, assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer. Pode haver maior ignorância e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida?

Dir-me-eis que o mesmo fazem os homens. Não vo-lo nego. Dá um exército batalha contra outro exército, metem-se os homens pelas pontas dos piques, dos chuços e das espadas, e porquê? Porque houve quem os engodou e lhes fez isca com dois retalhos de pano. A vaidade entre os vícios é o pescador mais astuto e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põe por isco na ponta desses piques, desses chuços e dessas espadas dois retalhos de pano, ou branco, que se chama hábito de Malta, ou verde, que se chama de Avis. ou vermelho, que se chama de Cristo e de Santiago; e os homens, por chegarem a passar esse retalho de pano ao peito, não reparam em tragar e engolir o ferro. E depois que sucede? O mesmo que a vós. O que engoliu o ferro, ou ali, ou noutra ocasião ficou morto; e os mesmos retalhos de pano tornaram outra vez ao anzol para pescar outros.

Por este exemplo vos concedo, peixes, que os homens fazem o mesmo que vós, posto que me parece que não foi este o fundamento da vossa resposta ou escusa, porque cá no Maranhão, ainda que se derrame tanto sangue, não há exércitos, nem esta ambição de hábitos.

Mas nem por isso vos negarei que também cá se deixam pescar os homens pelo mesmo engano, menos honrada e mais ignoradamente. Quem pesca as vidas a todos os homens do Maranhão, e com quê? Um homem do mar com uns retalhos de pano. Vem um mestre de navio de Portugal com quatro varreduras das lojas, com quatro panos e quatro sedas, que já se lhes passou a era e não têm gasto; e que faz? Isca com aqueles trapos aos moradores da nossa terra: dá-lhes uma sacadela e dá-lhes outra, com que cada vez lhes sobe mais o preço; e os bonitos, ou os que querem parecer, todos esfaimados aos trapos, e ali ficam engasgados e presos, com dívidas de um ano para outro ano, e de uma safra para outra safra, e lá vai a vida. Isto não é encarecimento. Todos a trabalhar toda a vida, ou na roça, ou na cana, ou no engenho, ou no tabacal; e este trabalho de toda a vida, quem o leva? Não o levam os coches, nem as liteiras, nem os cavalos, nem os escudeiros, nem os pajens, nem os lacaios, nem as tapeçarias, nem as pinturas nem as baixelas, nem as jóias; pois em que se vai e despende toda a vida? No triste farrapo com que saem à rua, e para isso se matam todo o ano.

Não é isto, meus peixes, grande loucura dos homens com que vos escusais? Claro está que sim; nem vós o podeis negar. (...)Vede o vosso Santo António, que pouco o pode enganar o Mundo com essas vaidades. Sendo moço e nobre, deixou as galas de que aquela idade tanto se preza, trocou-as por uma loba de sarja

e uma correia de cónego regrante; e depois que se viu assim vestido, parecendo-lhe que ainda era muito custosa aquela mortalha, trocou a sarja pelo burel e a correia pela corda. Com aquela corda e com aquele pano, pescou ele muitos, e só estes se não enganaram e foram sisudos.

1. Situa o excerto na estrutura externa e interna do sermão.
2. A cegueira, equivalente à ignorância, é o grande defeito aqui apontado aos peixes. Como é esse defeito exemplificado?
3. “Dir-me-eis que o mesmo fazem os homens. Não vo-lo nego.”

No segundo parágrafo, é feita uma analogia com os homens. Explicita-a.

4. No mesmo parágrafo, é apontada a razão da cegueira dos homens. Qual é e como se manifesta?
5. “(...) também cá se deixam pescar os homens pelo mesmo engano, menos honrada e mais ignorantemente.”

Interpreta e justifica a afirmação transcrita.

Correção

1. A nível da estrutura externa, este excerto situa-se no capítulo IV do *Sermão de Santo António aos Peixes*. Quanto à estrutura interna, situa-se na Exposição.
2. A cegueira dos peixes é exemplificada quando se verifica a facilidade com que se deixam enganar por um pedaço de pano.
3. Tal como os peixes, também os homens se deixam atrair por iscos enganadores: as honrarias e distinções sociais.
4. É a vaidade o “pescador mais astuto dos homens”, vício que os engana facilmente, levando-os a arriscar e a perder as suas vidas, não por altruísmo ou causas nobres, mas pela recompensa fútil.
5. Os peixes são cegos, ignorantes, quando se deixam engodar e matar por um pedaço de pano, que tomam por alimento. No entanto, os homens revelam ainda maior ignorância e menos honradez, quando o que os move e os engoda é a aparência.